



RespeiTe meu Axé!



Uma reportagem sobre a intolerância com religiões
de matriz africana no Distrito Federal e entorno

www.respeitemeuaxe.com



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

RESPEITE MEU AXÉ!

Uma reportagem sobre a intolerância com religiões
de matriz africana no Distrito Federal e entorno

Janaina Bárbara Bolonezi

Brasília - DF

2016



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

RESPEITE MEU AXÉ!

Uma reportagem sobre a intolerância com religiões
de matriz africana no Distrito Federal e entorno

Memorial descritivo do produto apresentado à
Universidade de Brasília como requisito parcial para
obtenção do título de bacharel em Comunicação
Social com habilitação em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a. Dra. Márcia Marques

Brasília - DF

2016

JANAINA BÁRBARA BOLONEZI

RESPEITE MEU AXÉ!

Uma reportagem sobre a intolerância com religiões
de matriz africana no Distrito Federal e entorno

Memorial descritivo do produto apresentado à
Universidade de Brasília como requisito parcial para
obtenção do título de bacharel em Comunicação
Social com habilitação em Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Márcia Marques
Orientadora

Prof^a. Dra. Dione Oliveira Moura
Examinadora

Bela. Ana Carolina de Oliveira Marchão
Examinadora

Prof. Dr. Gustavo de Castro
Suplente

Brasília, 01 de novembro de 2016

AGRADECIMENTOS

Acredito que escrever os agradecimentos seja o ponto mais difícil deste trabalho. Por que não se trata de agradecer somente a todos que me ajudaram na realização deste projeto, mas a todos que me auxiliaram e passaram pela minha vida nos últimos 5 anos durante meu percurso na Universidade de Brasília.

Os que me conhecem bem, sabem que minha avó foi copeira na reitoria da UnB por mais de 20 anos e que cresci dentro deste espaço. Tão perto e tão longe, era a sensação que sempre tive. Um sentimento descrevia bem: a UnB não era feita para mim. Uma garota de família pobre do entorno de Brasília, vindo de escola pública, em uma universidade tão importante? Parecia mesmo impossível.

Alguns podem dizer que o que me levou a ser aluna da Universidade de Brasília foi esforço, determinação ou destino. Eu, sinceramente, digo que o que me levou até a Faculdade de Comunicação da UnB foi nada mais e nada menos que o “sonho”.

“O sonho é o que temos de realmente nosso” era a frase que constava folha de respostas do segundo vestibular de 2011, onde tudo começou há alguns anos atrás. E, talvez por destino, foi exatamente ter um sonho pessoal forte e lutar por ele que me trouxe até aqui. Querer ser jornalista, super-heroína, uma pessoa que poderia dar voz aos que precisam, foi o que me trouxe até a Faculdade de Comunicação. Hoje não me formo super-heroína, mas jornalista responsável e consciente do meu papel. E, depois de tudo, realmente só tenho a agradecer.

Agradecer à minha avó, que me criou, me educou, me amou e sempre foi minha base de tudo na vida e é também o principal motivo da criação deste projeto. Agradecer ao meu amor, Daniele Lamanna, que esteve ao meu lado mesmo antes de tudo isso começar e que me apoiou sempre, acreditando em mim e me dando forças mesmo quando eu mesma não acreditava. Agradecer aos amigos que me acompanharam nesta jornada, que estiveram do meu lado todo esse tempo, que alegraram meus dias, que viveram e conviveram comigo e que levarei eternamente no coração. E, finalmente, agradecer aos professores que me acompanharam durante esse percurso. Em especial a professora Dione Moura, que sempre foi como uma mãe na Faculdade de Comunicação. Ao professor Fernando Paulino por me mostrar o poder da Comunicação Comunitária e me fazer amar ainda mais meu papel como comunicadora. E a professora Márcia Marques pelo apoio, ajuda e paciência durante a produção deste projeto. A todos vocês, a Deus, aos orixás, às forças superiores: Muito obrigada!

Cada dia novo que amanhece,
traz a luz de pai Oxalá,
que ilumina as terras do mundo inteiro,
e embeleza o mar de mãe Iemanjá.

Sopram os ventos de mãe Iansã,
que abraçam Xangô em sua pedreira.
Correm os rios de mãe Oxum,
e as crianças brincam à sua maneira.

As matas de Oxossi ficam mais belas,
e novos caminhos Ogum nos oferece.
Na sua calunga Obaluaiê,
acolhe ou dá cura a quem merece.

Exu se ri na encruzilhada,
e firma seu ponto com seu punhal,
e o aroma das rosas de Pombagira,
ensina a diferença do bem e do mal.

Zambi segura o mundo nas mãos,
e fá-lo girar mais uma vez,
derramando nele seu amor divino,
e em toda a criação que um dia ele fez.

(Extrato da obra - Orixás em Poesia de Paulo Lourenço "Ramiro de Kali")

RESUMO

Este é o memorial descritivo da produção de *Respeite meu axé*, uma reportagem voltada para a internet sobre a intolerância com religiões de matriz africana no Distrito Federal e entorno. *Respeite meu axé* é um trabalho de conclusão de curso que busca entender a realidade dos praticantes da Umbanda e do Candomblé na região e como os ataques frequentes afetam suas vidas, cultura e fé. Além disso, a produção busca respostas sobre possíveis caminhos para diminuir a violência e quais opções existentes para auxiliar nos casos de ataques por intolerância religiosa. Para a construção da reportagem utiliza-se depoimentos de personagens, opiniões de especialistas, dados históricos e estudos realizados na área.

Palavras-chave: Reportagem. Religiões afro-brasileiras. Religiões de matriz africana. Intolerância Religiosa. Webjornalismo.

SUMÁRIO

1. Apresentação	08
2. Objetivos	09
3. Justificativa	10
3.1. Do tema	10
3.2. Do meio	11
4. Reflexão Teórica	12
4.1. Do jornalismo	12
4.2. Do meio de comunicação.....	13
4.3. Do tema	15
5. Percurso da Produção.....	17
5.1. Estruturando a pesquisa	17
5.2. Escolha das fontes e entrevistas	18
5.3. Estrutura e criação do site	20
5.4. Finalização	22
6. Considerações finais.....	23
7. Referências.....	24
8. Anexos	26

1. APRESENTAÇÃO

Apesar de serem pouco lembradas nas aulas de história nas escolas no Brasil, as religiões de matriz africana são uma parte fundamental da cultura brasileira. Com origem na época da escravidão colonial, tais religiões nascem como produtos de rearranjos culturais das crenças religiosas trazidas com os africanos ao nosso país. As mais conhecidas religiões afro-brasileiras são o Candomblé e a Umbanda, sendo que variações locais destas duas religiões algumas vezes recebem outros nomes e são encontradas por todo país.

É inegável que estas religiões, consideradas oficialmente como afro-brasileiras, possuem características que estão impregnadas na realidade cultural da população brasileira. Mas afinal, conhecendo a grande importância cultural das religiões de matriz africana para o país, por que todos os dias tais religiões ainda encaram ataques de intolerância por parte de indivíduos de outros credos? É desta questão inicial que parte a reportagem “Respeite meu axé”, que busca entender os motivos que levam ao preconceito religioso e investigar a realidade dos praticantes do Candomblé e da Umbanda.

Por uma questão de proximidade física, o Distrito Federal e entorno foram os locais escolhidos como territórios dessa investigação. Já o meio utilizado para apresentação da reportagem foi a internet, com objetivo, principalmente, de tornar o trabalho uma fonte de informação acessível e ajudar na luta contra o preconceito. Para isso, foi criado pela autora um site público, disponível no endereço: www.respeitemeuaxe.com. Além da reportagem, o site oferece um guia sobre as religiões afro-brasileiras, lista de contatos de organizações que auxiliam em casos de ataques relacionados ao preconceito religioso e uma galeria com fotos exclusivas feitas durante a elaboração do trabalho.

“Respeite meu axé” traz uma conversa franca com diferentes personagens que resistem e fazem parte da luta diária contra a intolerância religiosa no Distrito Federal e entorno. Após diversas pesquisas e visitas aos terreiros, a reportagem é construída e organizada contando sobre a violência vivida no dia-a-dia pelos praticantes, as bases históricas da intolerância religiosa, o papel das novas gerações na luta contra a intolerância, a visão acadêmica e busca de soluções para tudo isso.

2. OBJETIVOS

“Respeite meu axé” é uma reportagem que pretende, primeiramente, criar uma narrativa que permita comunicar aos leitores sobre a realidade da situação vivida pelos praticantes de tais religiões atualmente na região.

O segundo objetivo deste projeto é criar uma produção final que aborde as características próprias do jornalismo feito para a internet, utilizando as diversas possibilidades desta plataforma. Com isso, se busca utilizar recursos próprios da internet na montagem virtual da reportagem, principalmente na questão de proporcionar o diálogo entre recursos textuais e audiovisuais na internet.

Em terceiro lugar, existe o objetivo pessoal da autora de aplicar muitas das técnicas aprendidas durante o curso para a construção deste projeto. Utilizando métodos estudados de cobertura jornalística e etapas de produção, tais como apuração, escrita e edição. Se busca durante a realização do trabalho aprimorar os conhecimentos jornalísticos, com procedimentos de investigação, entrevistas, pesquisas aprofundadas. Foram realizadas também visitas pessoais aos locais, captando a atmosfera para ser utilizada na produção final. A apuração minuciosa é uma parte importante do processo, em busca de ir contra a ideia imposta do jornalismo feito em ritmo frenético, atualmente muito presente nas redações.

Por último, não menos importante, existe o objetivo de criar uma reportagem que contenha características humanitárias e um site que consiga prestar serviço informativo à população.

3. JUSTIFICATIVA

3.1. Do tema

A inquietação sobre o tema da reportagem nasce de um motivo pessoal da autora que passou parte da infância dentro de um terreiro de Candomblé na cidade de Planaltina de Goiás, no entorno do Distrito Federal. O terreiro pertencia à avó da autora e sofreu diversos ataques durante o tempo em que esteve ativo. Com parte da família evangélica, vizinhos que se incomodavam com o local, xingamentos e outros inúmeros tipos de ataques, a convivência na região se tornou impossível levando ao fechamento e mudança da família da cidade um pouco depois. Tal fato marcou a vida da autora, que ao pesquisar sobre o assunto se deparou com uma cobertura midiática do tema bastante pontual, onde era possível encontrar reportagens sobre ataques específicos, mas nada exatamente abrangente.

A vontade de “dar voz” ao povo de terreiro, como são chamados, foi o motivo principal para a criação da reportagem, embasada pela história das religiões de matriz africana no Distrito Federal. De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Distrito Federal (IPHAN-DF), as casas espíritas e terreiros de umbanda e candomblé foram criados na região da construção da nova capital federal antes mesmo da inauguração oficial de Brasília. O primeiro terreiro de Umbanda de Brasília foi aberto em 1958, no local onde hoje conhecemos como a via W3 Sul.

Apesar disso, tal história não parece importar muito aos intolerantes religiosos, já que o número de ataques só vem aumentando nos últimos anos. De acordo com a Federação de Umbanda e Candomblé de Brasília e Entorno, só em 2015 foram registraram 13 ataques violentos a terreiros, que incluem incêndios criminosos, ameaças com arma de fogo, tiros, invasões, destruição de imagens e perseguição às casas. Nessa contagem não foram incluídos os ataques a pessoas físicas ligadas às religiões (frequentadores e donos de terreiros) que incluem xingamentos, discriminação racial, homofobia, demonização, exclusão social, assédios públicos e em ambientes de trabalho, entre outros.

A reportagem se justifica por procurar documentar tais fatos dentro de um tema pouco explorado pela mídia local, buscando trazer uma nova visão dos acontecimentos, com foco nos personagens e informações oficiais. Além disso, o

trabalho é pertinente por ser realizado em um período onde a discussão sobre a intolerância religiosa está em alta no Distrito Federal. Uma vez que o governo local vem procurando formas para a diminuição dos casos de ataques motivados por intolerância religiosa. Tal fato é motivado principalmente por um incêndio a um terreiro de Candomblé no Paranoá (caso que teve repercussão nacional, apontando o Distrito Federal como a capital da intolerância religiosa), em novembro de 2015. Na ocasião Rodrigo Rollemberg, atual governador, prometeu a inauguração da primeira Delegacia de Combate à Intolerância Religiosa do Brasil, aberta em janeiro de 2016, um marco para história das religiões afro-brasileiras. Além disso, o governo do Distrito Federal mandou representantes oficiais para cerimônia de reinauguração do mesmo terreiro, em outubro de 2016, onde prometeram se comprometer com a luta pelo fim da intolerância religiosa no DF.

3.2. Do meio de comunicação

A internet foi o meio de comunicação escolhido desde o início para a publicação da reportagem, complementando a criação do projeto em si. Escrever para o meio online atualmente é um conhecimento essencial para a formação dos jornalistas e também muito cobrado no mercado de trabalho. Um dos principais desafios ao escrever uma reportagem para a web é o fato de trabalhar com todas as possibilidades da internet. Esta é uma característica importante para a nova geração de comunicadores, justifica a produção e incentiva pesquisas sobre o tema.

O projeto se propõe a experimentar diferentes ferramentas de linguagem na produção da reportagem para o meio digital, trabalhando com mistura de textos, fotografias, vídeos e áudios. Utilizando as plataformas disponíveis na internet, é possível dar aos leitores mais proximidade com o tema e com os personagens, criando uma nova experiência de leitura. O que antes se tratava somente de um texto com fotos estáticas ganha novas faces na internet. No meio web, durante a leitura da notícia o leitor pode escutar uma fala em forma de áudio, escutando diretamente a voz do personagem, ver um pequeno vídeo ou adentrar mais no assunto com o auxílio de hiperlinks. O formato utilizado na internet possibilita maior interação com o público e maior alcance da informação, que é exatamente o que o projeto pretende. Com isso, “Respeite meu axé” busca aproximar o público da informação.

4. REFLEXÕES TEÓRICAS

4.1. Do jornalismo

Os teóricos da área afirmam que os conceitos principais do jornalismo são a objetividade, isenção e imparcialidade. Durante a produção da reportagem tais preceitos foram utilizados como base e permearam todo o processo deste trabalho.

Durante a produção desse material foram utilizadas inúmeras referências teóricas, incluindo livros, manuais, artigos científicos, artigos jornalísticos, teses, revistas, entre outros. A grande quantidade de referências se deu, principalmente, pela necessidade de embasamento para construção final da reportagem.

Sobre a reflexão teórica quanto ao jornalismo destaca-se utilização de métodos de apuração e reflexões sobre o jornalismo apresentados por Luiz Costa Pereira Júnior, em seu livro “A apuração da notícia”. Os métodos de apuração indicados pelo autor permitem ao repórter “reduzir as incertezas” na elaboração da reportagem e foram essenciais para a conclusão deste trabalho. Além disso, algumas das características responsáveis pela busca de equilíbrio na apuração da reportagem podem ser descritas por meio de uma afirmação do autor que diz que

Um trabalho jornalístico é objetivo quando garante o equilíbrio entre o pró, o contra, os ângulos da notícia, quando faz apresentação das partes ou das possibilidades em conflito. (PEREIRA, 2006, p.54)

Além disso, outra questão levantada pelo autor e utilizada na produção, como já dito anteriormente, é o fato essencial de se estar informado diante das fontes.

É crime venal estar desinformado diante da fonte. A lição elementar, portanto, é a de evitar o improvisado. Para obter o máximo de respostas é preciso saber o que se quer, o foco do encontro. (PEREIRA, 2006, p.74)

Quanto ao formato, a produção se apresenta como uma grande reportagem, que difere das tradicionais notícias jornalísticas por suas características próprias. Cremilda Medina distingue a notícia da grande reportagem da seguinte forma:

As linhas de tempo e espaço se enriquecem: enquanto a notícia fixa o aqui, o já, o acontecer, a grande reportagem abre o aqui num círculo mais amplo, reconstitui o já no antes e depois, deixa os limites do acontecer para um estar acontecendo atemporal ou menos presente. Através da contemplação de fatos que situam ou exemplificam o fato nuclear, através da pesquisa histórica de antecedentes, ou através da busca do humano permanente no acontecimento imediato a reportagem leva a um quadro interpretativo do fato. (MEDINA, 1978, p. 134)

Este trabalho se enquadra nos critérios apresentados pela autora para ser classificado como uma grande reportagem. Em complemento, Júlio César Degl'lesposti em sua dissertação de mestrado "A grande-reportagem na televisão brasileira" diz que "alguns procedimentos da grande-reportagem podem se aproximar bastante da antropologia e outras ciências que lidam com o comportamento" (2009, p.58). A produção da reportagem "Respeite meu axé" conversa com a ideia do autor, uma vez que, durante todas as etapas de produção, foram necessárias a utilização de conhecimentos que dialogam e se aproximam muito das ciências que lidam com comportamento. Além da utilização de conhecimentos referentes à história, sociologia, teologia e filosofia.

4.2. Do meio de comunicação

As novas tecnologias a cada dia reconfiguram e tornam mais complexa a prática jornalística. Com isso, o jornalismo vem se adaptando se movendo para o meio web, se modernizando e utilizando novas ferramentas. Alexandre Botão (2012) afirma que em um dia típico, 61% dos americanos leem suas notícias on-line. Como uma das principais fontes de informação atual e um dos meios mais democráticos de comunicação, a internet se mostrou o ambiente ideal para a divulgação da reportagem, utilizando os conceitos de jornalismo online.

Quanto aos conceitos de jornalismo online, Marcos Palácios (2003) propõe seis características fundamentais tradicionais, sendo elas: multimídia/ convergência, interatividade, hipertextualidade, personalização, memória, instantaneidade e atualização contínua. Ao mesmo tempo, o autor deixa claro que não necessariamente todas essas características precisam estar presentes

É importante que se ressalte que não acreditamos existir um formato canônico, nem tampouco “mais avançado” ou “mais apropriado” no jornalismo que hoje se pratica na web. Diferentes experimentos encontram-se em curso, sugerindo uma multiplicidade de formatos possíveis e complementares, que exploram de modo variado as características das Novas Tecnologias de Comunicação. (PALÁCIOS, 2003, p.2)

Das características citadas por Palácios, durante a montagem da reportagem foram dadas ênfase a memória, personalização e multimídia/ convergência. Tais características foram ressaltadas, principalmente, pelas limitações impostas pelo formato do site que abriga o trabalho, que não se trata de uma página que lida com instantaneidade e atualização contínua, mas sim como fonte de pesquisa e memória digital.

As características do texto jornalístico próprio para este meio foram outro conceito estudado durante a elaboração da reportagem. Para isso, foi utilizado o livro “Como escrever para a web” de Guillermo Franco. Na obra o autor traz exemplos sobre como escrever para a internet, investiga o comportamento dos usuários ao lerem textos jornalísticos e apresenta características de textos em diferentes plataformas disponíveis, como sites tradicionais, blogs e micro blogs. Tais informações foram de extrema importância na construção da produção.

4.3. Do tema

Quanto ao tema da reportagem o referencial teórico se focou, principalmente, em questões históricas. O objetivo principal disso foi compreender as raízes do preconceito com religiões de matriz africana no Brasil para reunir fatos que seriam utilizados na construção da reportagem e obter embasamento para apuração. Além disso, também foi essencial estudar as origens das religiões afro-brasileiras no Distrito Federal e entorno, para uma compreensão de forma mais geral do tema.

Inicialmente, o foco do estudo histórico se deu quanto ao período Colonial e Imperial do Brasil. Isabel Soares Campos e Rosane Aparecida Rubert, em seu estudo “Religiões de Matriz Africana e a Intolerância Religiosa”, apontam como o início da intolerância religiosa no Brasil as relações diretas entre poder político e a igreja católica, punindo, inclusive legalmente, a prática de outras religiões

O próprio Código Criminal do Império de 1830 punia: “A celebração, propaganda ou culto de confissão religiosa que não fosse a oficial (art. 276)”. Este Código punia diretamente os negros, fossem eles escravos, livres ou libertos, visto que uma forma de controlar as suas vidas era impor a cultura ocidental, incluindo a religião católica, desconstituindo suas referências culturais africanas. Contudo, os negros escravizados ou livres mantinham suas manifestações culturais de diversas formas, inclusive, preservando regras e condutas próprias relacionadas às religiões.

(CAMPOS & RUBERT, 2014, p. 296)

Foi somente em 1889, com a proclamação da República no Brasil, que o Estado se separa da Igreja Católica e nascem os primeiros princípios de laicidade. Mas tal fato não foi suficiente para frear o preconceito religioso no Brasil, como analisam as autoras

Foi na Constituição de 1891 que se aboliu formalmente o conceito de religião oficial e se proporcionou a liberdade a

qualquer tipo de crença. Entretanto, diversas religiões existentes no Brasil, que tiveram um caráter diferente da religião católica, sofreram perseguições, discriminações e preconceitos tanto no espaço público como no meio estatal e policial. (CAMPOS & RUBERT, 2014, p. 296)

Nesse momento, as religiões chamadas mediúnicas, nas quais se encontram o espiritismo, umbanda, candomblé, entre outras, foram as que mais sofreram ataques intolerantes, pois as suas atividades e práticas não eram reconhecidas pelo Estado como tendo um estatuto (MONTERO, 2006; GIUMBELLI, 2008).

Além disso, outro fator crucial para os ataques era o racismo. Campos & Rubert dizem que “o caráter racista das perseguições às religiões de matriz africana é evidente se considerarmos que no Código Penal de 1890 (vigente até 1942), previa-se também a punição: ao crime de capoeiragem (art.402); ao crime de vadiagem (art. 399); curandeirismo (art. 158); ao crime de espiritismo (art.157)”. Com isso, é possível identificar algumas raízes do preconceito existente até hoje.

Quanto à chegada das religiões afro-brasileiras no Distrito Federal e entorno e informações sobre terreiros existentes, o principal guia utilizado foi o “Inventário dos Terreiros do DF e Entorno” publicado pelo IPHAN-DF. De acordo com o inventário, com a chegada dos trabalhadores à capital foi instaurada uma grande demanda ecumênica e “aos poucos houve um grande afluxo de religiões e cultos, sendo considerados dentre eles a presença de grupos especiais de brasileiros que para cá vieram, independente do auxílio estatal para fundar as casas espíritas, terreiros de Candomblé, Umbanda, Quimbanda nas cidades da Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno (RIDE) (IPHAN, DF, 2009). O primeiro terreiro de Umbanda foi criado em 1958, no local onde hoje é a via W3 Sul, e atualmente, de acordo com dados do IBGE, existem 6,5 mil adeptos declarados da umbanda e do candomblé no Distrito Federal.

Na busca por referências específicas sobre os terreiros no Distrito Federal e entorno foram encontrados poucos estudos e reflexões. Um dos estudos de grande referência no assunto e largamente utilizado foi “Os orixás dançam no Planalto Central” de Joaniza Abreu(2006). Além disso, foram analisadas reportagens, vídeos e alguns artigos científicos sobre o assunto.

5. PERCURSO DA PRODUÇÃO

5.1. Estruturando a pesquisa

Antes mesmo de iniciar a construção da reportagem foram realizadas diversas pesquisas que pudessem servir de embasamento para o produto. Artigos científicos, livros, revistas, dados oficiais e artigos jornalísticos, que falavam sobre religiões afro-brasileiras, foram utilizados inicialmente para a construção da pauta. Durante as leituras vários outros assuntos e aspectos foram encontrados e, com isso, foi necessário fazer uma triagem inicial do que era importante ou não para a produção final da reportagem.

Com o tema definido, a pauta da reportagem foi escrita e, em seguida, criado um cronograma de trabalho. Com auxílio da orientadora foram adicionados à base inicial de pesquisa outros livros e artigos científicos complementares, principalmente sobre o conceito de grande reportagem, apuração e web jornalismo. Em seguida, foi criado um projeto de layout simples para a construção do website. Várias plataformas foram testadas por alguns dias até ser possível chegar na versão final do site que receberia a reportagem. Todos os passos desta criação estarão detalhados ainda neste capítulo, mais à frente.

Durante a apuração da reportagem as leituras iniciais se mostraram extremamente úteis, uma vez que foi possível compreender a fundo o que os entrevistados falavam sobre as religiões (principalmente pela existência de termos específicos dentro dos terreiros) e questões pontuais como existências de leis, antigos casos relatados no Distrito Federal, história da África, regulamentação das religiões, entre outros assuntos. Além disso, foi possível sentir que demonstrar ter conhecimento sobre certos temas passaram confiança e tranquilidade para os entrevistados, permitindo que falassem mais livremente. Neste contexto, um pensamento da autora Joaniza Abreu, em seu estudo “Os orixás dançam no Planalto Central” foi amplamente utilizado durante a apuração por mudar a forma que o povo de terreiro é imaginado tradicionalmente. A autora diz que

O povo de santo se espalha no Distrito Federal e Entorno. Em todos os lugares. Silencioso nas repartições públicas, nas salas e sessões

da Esplanada dos Ministérios, nos suntuosos espaços do Palácio do Planalto, entre os garçons e funcionários de alto escalão, na Câmara Federal e nos Palácio da Justiça, do Supremo, do Superior Tribunal Federal, na Câmara Distrital. Entre deputados e serventes, e copeiros e lixeiros. De mãos dadas com os que mandam no Brasil. Subalternos e discriminados. Entre os que mandam e os que obedecem. Por todo canto, por todo canto. (ABREU, 2005, p.43)

5.2. Escolha das fontes e entrevistas

Ao construir o modelo da pauta de trabalho, inicialmente, foram incluídos entre as fontes nomes da Federação de Umbanda e Candomblé de Brasília e Entorno, vítimas de incêndios criminosos noticiados pela imprensa local, nomes de autoridades de terreiros de Candomblé e Umbanda, além de fontes governamentais e acadêmicas para falar sobre o assunto.

A primeira entrevistada foi Adna Santos, conhecida por Mãe Baiana, que teve seu terreiro incendiado em novembro de 2015 em um caso que causou comoção nacional e levou à criação de uma delegacia especializada de combate à intolerância religiosa no Distrito Federal. A escolha foi feita de forma estratégica por imaginar que, por sua vivência pessoal e trabalho na Fundação Cultural Palmares (órgão voltado para promoção e preservação da arte e da cultura afro-brasileira), Mãe Baiana teria informações importantes e exclusivas sobre o assunto. E exatamente assim aconteceu. Primeiramente foi marcada uma reunião informal no escritório de Mãe Baiana para que fosse explicado todo trabalho. Em uma conversa que durou aproximadamente duas horas, Mãe Baiana contou um pouco de sua história na luta contra a intolerância religiosa e relatou inúmeros outros casos. Nesse momento, foram passados por ela vários contatos de pessoas que poderiam falar sobre o assunto (que se tornaram as principais fontes da reportagem) e foi marcada uma entrevista oficial em seu terreiro no Paranoá, no final de semana.

A segunda fonte entrevistada foi Luiz Alves, um dos coordenadores da Federação de Umbanda e Candomblé de Brasília e Entorno. A entrevista durou cerca de uma hora e aconteceu na sede da Federação. Durante a entrevista, Luiz passou diversas informações sobre ataques motivados por intolerância registrados pela Federação, racismo, violência, papel da política e comentou sobre a situação da Praça dos Orixás, conhecida como Prainha. O local é cuidado por eles

informalmente, já que possuem autorização para realização de eventos, e vem sofrendo diversos ataques, o mais recente foi à estátua de Oxalá (divindade máxima do Candomblé, equivalente a Deus) totalmente queimada. Vale lembrar que a Federação é a organizadora da conhecida Festa de Iemanjá no local, realizada todos os anos durante as celebrações de ano novo em Brasília.

Um pouco depois foi realizada a visita ao terreiro de Mãe Baiana no Paranoá, um momento significativo e dificultoso do trabalho. Por estar localizado em uma área rural, encontrar o terreiro foi bem difícil e, com autora e fotógrafa perdidas no cerrado, foi necessário “invadir” outras propriedades até que fosse possível encontrar o local correto. Ao chegar, o terreiro estava sendo pintado e preparado para a reinauguração, uma vez que o espaço estava fechado desde o incêndio. Todos os membros foram extremamente prestativos e foram feitas diversas fotos no local, as principais estão na galeria do site. A entrevista com Mãe Baiana foi realizada com entrevistada e repórter sentadas no chão em uma cabana de palha feita para Iemanjá, com areia cobrindo o piso de terra e várias referências ao mar. Um momento único e bastante significativo. Na ocasião também foi entrevistado o pintor Itamar Terra, que veio de Salvador para contribuir com a decoração do local com pinturas dos Orixás nas paredes, depois de ficar sabendo do incêndio da casa.

Continuando a apuração, foi realizada uma visita ao Centro Espírita Assistencial Nossa Senhora da Glória. Localizado na Asa Norte, o local abriga o terreiro de Umbanda mais antigo, ainda aberto, do Plano Piloto com 51 anos de existência. Para colher todas as informações e fotografar o espaço foram realizadas quatro visitas ao todo. A primeira visita ocorreu com objetivo de conseguir contatos do lugar, já que o terreiro não possui telefone. A segunda visita aconteceu durante a noite, pouco antes de começar uma celebração, para uma conversa inicial com o responsável pelo local, que só estaria presente naquele momento. A terceira visita foi realizada durante uma tarde, acompanhada pelo zelador do local com permissão do responsável, para realizar as fotografias do espaço. A quarta, e última, visita se deu durante outra ocasião de celebração, quando foi realizada a entrevista oficial com a autoridade do local, o Ogan Edinho.

No decorrer da apuração, foram realizadas entrevistas com dois pais de santo, como são chamados, que tiveram suas casas atacadas em 2015. Foram eles o Babalorixá Babazinho, dono de um terreiro de Candomblé na cidade de Águas

Lindas, e Pai Ricardo, dono de um terreiro de Candomblé na área rural do Pedregal, ambos no entorno de Brasília. O terreiro de Babazinho foi incendiado por criminosos e a casa de Pai Ricardo foi alvejada por tiros, ambos ataques foram motivados por intolerância religiosa. Em relação ao entorno do Distrito Federal, foram feitos contatos com outros três terreiros na cidade de Planaltina-GO, onde as visitas não foram possíveis pelo período eleitoral e agenda dos responsáveis. Além disso, foram realizadas ainda três visitas ao terreiro de Umbanda Tenda de Oxalá, também localizado na Asa Norte, onde não foi possível realizar entrevistas por questões burocráticas do local.

Na construção da narrativa da reportagem, foi necessária a inclusão de um ponto de vista especializado para explicar a situação. Por esse motivo foi marcada uma entrevista com Nelson Inocêncio, professor da Universidade de Brasília e especialista no assunto. Em primeiro momento o professor não apareceu na entrevista, que havia sido marcada em sua sala de trabalho, no Departamento de Artes. Posteriormente, a entrevista foi realizada por telefone e as perguntas se focaram na busca de uma visão acadêmica sobre o tema.

Foram ouvidos ainda frequentadores das casas, principalmente com foco na nova geração e a nova forma de combate à intolerância por parte dos mais jovens. Para complementar o ponto de vista do governo, foi ouvida a delegada Gláucia Cristina, responsável pela Delegacia Especial de Repressão aos Crimes por Discriminação Racial, Religiosa ou por Orientação Sexual ou contra a Pessoa Idosa ou com Deficiência.

5.3. Estrutura e criação do site

A criação do site começou assim que a ideia final da reportagem foi definida. Todos os detalhes da página foram feitos completamente pela autora. Em primeiro lugar, foram testadas as três principais plataformas de criação facilitada de páginas na internet para tentar chegar ao objetivo visual mais próximo do que se esperava em termos de leitura e facilidade de navegação. As plataformas testadas foram Wordpress, Blogger e Wix, sendo que a última se mostrou como a melhor opção para o que se esperava da página, já que os outros possuíam características típicas de blog, onde as postagens antigas caem e desaparecem facilmente.

Com a plataforma escolhida, foi criado um projeto gráfico básico simplificado para a construção do site, contendo as cores, imagem de fundo, criação de logomarca, disposição do menu de navegação e páginas existentes. Todas as características foram pensadas com objetivo de prestar uma homenagem aos orixás e as próprias religiões, como pode ser visto na tabela a seguir.

PROJETO GRÁFICO BÁSICO – RESPEITEMEUAXE.COM

AS CORES

As cores principais escolhidas para a construção do site foram tons de azul e branco, por serem cores que representam lemanjá na Umbanda e Candomblé. Com o uso dessas cores se propõe que o site preste uma homenagem a lemanjá. O tom de azul marinho foi escolhido para facilitar a legibilidade.

A LOGOMARCA

A logomarca também foi criada pela autora com uso de vetores e fontes públicas. Foram testadas inúmeras fontes até o resultado final e foi utilizado um vetor em forma de ondas, que lembram as do mar, na construção para enfatizar ainda mais a homenagem pretendida a lemanjá no layout do website.

A IMAGEM DE FUNDO

A imagem de fundo utilizada em todas as páginas do site também foi adaptada. Inicialmente a ideia era usar como plano de fundo imagens da palha-da-costa. A palha-da-costa no candomblé representa a eternidade e transcendência, como prova da imortalidade e reencarnação e é utilizada na confecção das roupas dos orixás, em especial Obaluayê e Omolu. Mas, por uma questão de descanso visual e para facilitar a leitura, foi utilizada no fundo de todas as páginas do site uma imagem que remete a uma esteira de palha clara, também utilizada no Candomblé nos rituais de obrigações e feitura.

MENU DE NAVEGAÇÃO E PÁGINAS EXISTENTES

O menu de navegação foi posicionado na parte superior e pensado de acordo com as necessidades informacionais do site. Com isso, cada página traz uma informação relevante, que serve como complemento da página principal, onde está a reportagem, mas que também funciona de forma independente na navegação. Tal fato complementa o que realmente se espera com a criação do site, que seja também uma fonte de informação sobre as religiões e não somente um local para publicar a reportagem.

Durante a criação do site alguns detalhes foram modificados de acordo com as necessidades encontradas. A principal mudança ocorreu no nome do site, que inicialmente, assim como o título da reportagem, se chamava “Respeita que é macumba” em alusão à típica frase “Chuta que é macumba”, considerada um desrespeito com as oferendas realizadas nas religiões. Por uma questão de respeito com as pessoas que se sentem ofendidas com a palavra “macumba”, usada de forma pejorativa na maioria das vezes, tanto site como reportagem foram rebatizados com o nome de “Respeite meu axé”.

5.4. Finalização

A finalização do trabalho foi cansativa, mas muito gratificante, pelos resultados finais. A fase foi marcada principalmente pela escrita deste memorial, a preparação do texto da reportagem e gravação das entrevistas, finalização do site e montagem da reportagem na página.

Como um dos objetivos da reportagem no site era trabalhar as opções multimidiáticas (com vídeos, áudios, galerias de fotos etc.) para aproximar o leitor da história, de uma forma que somente a internet consegue realizar atualmente, foram necessárias horas de empenho na escolha de falas de personagens, de fotos e vídeos que seriam utilizados. Após realizadas as escolhas, o próximo ponto foi a preparação do material para montar a reportagem no site, com edição dos áudios, fotos e vídeos. Após isso, foi feita a montagem, com algumas horas de programação.

O último passo foi colocar o site no ar, com a compra do domínio e pagamento pelos direitos de uso da plataforma. O domínio escolhido para colocar o site no ar foi o www.respeitemeuaxe.com e foi fechado um contrato de 12 meses para a utilização que, futuramente, pode ser renovado pelo período que for desejado.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo o processo de preparação deste projeto foi longo e cansativo. Se foram algumas madrugadas em claro, algumas viagens longas, algumas horas no telefone e várias horas passadas na internet e nos livros. Mas nada que tenha sido feito durante a realização deste projeto foi em vão. Nunca existiu o sentimento de arrependimento ou desesperação durante a produção, ao contrário esse trabalho foi permeado pela alegria de saber que algo importante estava sendo feito por pessoas que lutam todos os dias para manterem vivas suas tradições.

“Respeite meu axé” foi um projeto de aprendizagem contínua. Principalmente, um processo de aprendizagem sobre a vida, que vai muito além do meio acadêmico. Foi possível aprender com cada uma das histórias em todos os terreiros visitados e seus membros. Aprender com as lágrimas de Mãe Baiana ao ver sua casa destruída que é possível se reerguer, se levantar e seguir em frente. Aprender com Pai Ricardo que mesmo se alguém colocar uma arma na sua cabeça e te expulsar da sua própria casa, existe a possibilidade de se levantar e construir uma nova realidade em outro lugar. Entender que quando se acredita em algo nada pode te parar e, mesmo se parecer que nada mudará tão cedo, continuar lutando por seus ideais todos os dias como faz Luiz Alves. Ver que se colocarem fogo no seu espaço e te atacarem conseguem destruir tudo menos sua fé, como provou Babazinho. Conhecer a realidade do olhar com novos olhos para velhas tradições e se emocionar como se fosse a primeira vez, como apresentou Gabriela Delgado. Sem esquecer da aprendizagem obtida ao ver mantida a tradição mais primordial de ajuda ao próximo, realizada pelo Ogan Edinho e sua família ao longo dos anos.

Este projeto foi um processo incrível de aprendizagem e de colocar em prática tudo que foi aprendido no curso e na vida nos últimos cinco anos na Universidade de Brasília. No momento, fica a esperança de que possa este trabalho possa servir como base para a realização de projetos ainda maiores e mais incríveis sobre este assunto no futuro.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Joanisa Vieira de. Os orixás dançam no Planalto Central. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

BOTÃO, Alexandre Magno Santos. A notícia na ponta dos dedos – as multitarefas que constroem o jornalismo digital em dispositivos móveis. (Dissertação de mestrado). Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, 2012.

BRASIL, Jefferson Puff - BBC. Por que as religiões de matriz africana são o principal alvo de intolerância no Brasil? Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160120_intolerancia_religioes_africanas_jp_rm>. Acesso em: 31 ago. 2016.

BRASIL, Portal. Intolerância Religiosa: Religiões de matriz africana surgiram como resistência à colonização e à escravidão. 2016. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/intolerancia-religiosa/textos/religioes-de-matriz-africana-surgiram-como-resistencia-a-colonizacao>>. Acesso em: 22 set. 2016.

CACCIATORE, Olga Gudole. Dicionário de cultos afro-brasileiros: Com a indicação da origem das palavras. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

CAMPOS, Isabel Soares; RUBERT, Rosane Aparecida. Religiões De Matriz Africana e a Intolerância Religiosa. Pelotas: Cadernos do Lepaarq, 2014.

DANTAS, Beatriz Gois; MOURA, Carlos Eugenio Marcondes de. Candomble: Desvendando identidades: (novos escritos sobre a religião dos orixas). Editora Emw. São Paulo. 1987.

DEGL'IESPOSTI, Júlio César. A grande-reportagem na televisão brasileira. (Dissertação de mestrado). Faculdade Cásper Líbero. São Paulo. 2009.

FERREIRA, Sabrina Gonçalves de Souza. Saúde e religiões afro-brasileiras: experiências na umbanda. Monografia (Bacharelado em Saúde Coletiva). Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

FRANCO, Guillermo. Como escrever para a Web - Bases para discussão e construção de manuais para redações online. Centro Knight for Journalism in the America. Colômbia. 2009.

GIUMBELLI, Emerson. “Baixo Espiritismo” e a História dos Cultos Mediúnicos. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre. 2003.

IPHAN-DF, Superintendência do. Inventário dos Terreiros do Distrito Federal e Entorno. Primeira Fase. Federação de Umbanda e Candomblé do Distrito Federal e Entorno, Brasília, 2009

MARIANO, Ricardo. Pentecostais em Ação: A Demonização dos Cultos Afro-brasileiros. IN: SILVA, V.G. (Org.). Intolerância Religiosa: Impactos do Neopentecostalismo no Campo Religioso Afro-Brasileiro. São Paulo: EDUSP, 2007.

MEDINA, Cremilda de Araújo. Notícia, um produto a venda: Jornalismo na Sociedade urbana e industrial. Alfa-Omega. São Paulo. 1978.

MONTERO, Paula. Religião, Pluralismo e Espaço Público no Brasil. Revista Novos Estudos. CEBRAP. São Paulo. 2006.

MORAIS, Mariana Ramos de. Políticas públicas e a fé afro-brasileira: uma reflexão sobre ações de um estado laico. Porto Alegre. 2012.

OLIVEIRA, Ilzver de Matos. Perseguição aos cultos de origem africana no Brasil: o direito e o sistema de justiça como agentes da (in)tolerância. Florianópolis, 2014.

PALÁCIOS, Marcos. Jornalismo online, informação e memória: apontamentos para debate. Disponível em: <http://labcom-ifp.ubi.pt/files/agoranet/02/palacios-marcos-informacao-memoria.pdf>. Acesso em 09 de outubro de 2016.

TRINDADE, Diamantino Fernandes. História da Umbanda no Brasil - Vol. 2. Conhecimento Editorial Ltda. 2014.

ANEXO 1 – REPORTAGEM + INDICAÇÕES DE MONTAGEM NA PÁGINA

RESPEITE MEU AXÉ!

*A intolerância religiosa com religiões de matriz africana
no Distrito Federal e entorno*

<FOTO MÃE BAIANA>

Vestida de branco Adna Santos nos recebe sorrindo em seu terreiro. Com uma saia comprida que se arrasta pelo chão de terra batida e um lenço nos cabelos, a simpática senhora, chamada de Mãe Baiana por todos, nos acolhe em sua casa com a atenção e cuidados dos melhores anfitriões. Animada com as reformas no local (um terreiro simples construído em um lote no Setor de Chácaras entre o Paranoá e o Lago Norte), Mãe Baiana quer nos mostrar tudo que está sendo feito em preparação para a reinauguração oficial. Na casa, todos parecem tranquilos e felizes.

Neste cenário, desavisados não imaginariam que a reinauguração acontece porque há apenas alguns meses o local estava totalmente destruído. Em novembro de 2015, o terreiro de Candomblé Ilê Axé Oyá Bagan, como é chamado, foi tomado pelo fogo no que se acredita ter sido um ataque motivado por intolerância religiosa. Naquele dia, Mãe Baiana foi acordada pela fumaça e pelos estalos das chamas que tomavam o local às 5h da manhã. O fogo se alastrou rapidamente pela estrutura, de madeira na época, e tudo que a mãe de santo levou anos para construir estava acabado em minutos.

< GALERIA DE FOTOS DO INCÊNDIO >

O momento ainda faz parte dos piores pesadelos de Mãe Baiana, que se diz traumatizada com a situação. “Eu fiquei muito abalada, passei o ano novo dentro do terreiro porque tive medo de sair e que eles voltassem, aproveitando que eu não estava em casa. Sempre fui muito forte, mas atualmente qualquer coisa me abala e tenho vontade de chorar. Mesmo sabendo que as pessoas me ajudaram muito e o

terreiro está de pé outra vez, é um trauma que fica”, conta.

O caso de Mãe Baiana não é raridade no Distrito Federal e entorno. De acordo com a Federação de Umbanda e Candomblé de Brasília e Entorno, só em 2015 foram registraram 13 ataques violentos a terreiros, que incluem incêndios criminosos, ameaças e ataques com arma de fogo, invasões, destruição de imagens e perseguições. Ainda de acordo com a Federação, na contagem não foram incluídos ataques a pessoas físicas ligadas às religiões, muito comuns, que incluem xingamentos, discriminação racial, demonização, exclusão social, assédios públicos e em ambientes de trabalho, entre outros. O Disque-Denúncia, por sua vez, registrou cerca de 300 ligações relacionadas a ataques motivados por intolerância religiosa no Distrito Federal no mesmo ano.

A violência do dia-a-dia

Mas os personagens dos ataques registrados não se resumem a simples números. Cada casa atacada carrega eternamente histórias traumáticas, medo, sensação de insegurança e impunidade. As marcas causadas pela intolerância machucam fisicamente e psicologicamente os dirigentes e frequentadores dos terreiros.

O Babalorixá Babazinho e sua esposa Yalorixá Rejiane Varjão, dirigentes do Ilê Orinlá Fún Fún, conhecido como Asé Queiroz, são algumas das vítimas dos ataques que fazem parte da contagem da Federação de Umbanda e Candomblé de Brasília e Entorno realizada em 2015. O terreiro do casal sofreu dois ataques em agosto, sendo o último o mais grave. “Na primeira vez, no dia 5 de agosto, recebemos uma ligação da vizinha dizendo que a casa tinha sido invadida, quando cheguei encontrei tudo quebrado e revirado. Depois disso, no dia 12 de agosto, recebi uma mensagem dizendo que minha roça de santo estava pegando fogo, quando cheguei o fogo tinha destruído tudo. Fizemos dois boletins de ocorrência, mas nada foi feito”, lamenta Babazinho.

<GALERIA DE FOTOS - CASA BABAZINHO>

Os ataques levaram os dirigentes a se mudarem de Santo Antônio do Descoberto (GO), no entorno de Brasília, cidade onde a casa Asé Queiroz estava construída inicialmente. Atualmente, os dois estão construindo uma nova casa na Cidade

Ocidental (GO), também no entorno, como uma esperança de recomeço. A história de intolerância vivida por Babazinho e Rejiane ganhou um pequeno documentário que questiona a intolerância, feito por Robson Khalaf.

<VIDEO DOCUMENTAL RELATO BABAZINHO>

Outra figura da lista de terreiros atacados em 2015 é Pai Ricardo de Omulu, que possui um terreiro de Candomblé no bairro Pedregal, na cidade de Novo Gama - GO, também no entorno do Distrito Federal. O ataque mais recente sofrido por Pai Ricardo aconteceu em setembro de 2015, quando sua casa foi invadida por vândalos e alvejada por tiros. No momento, um filho do pai de santo estava sozinho na casa e se escondeu temendo o pior. Minutos depois, Pai Ricardo chegou ao local, percebeu marcas de disparos nas paredes e encontrou dois coquetéis molotov no terreno. “Eles deram um tiro no portão, que perfurou e atingiu a parede, depois entraram e deram vários tiros para o alto. Na ocasião, recolhemos todas as cápsulas das balas e os coquetéis molotov com luvas, levamos tudo na delegacia, mas nenhuma providência foi tomada”, conta o pai de santo. Sem investigação, não se sabe o que motivou os ataques, mas o dirigente acredita que tenha sido intolerância religiosa, já que não havia outra razão. Segundo Pai Ricardo esse não foi o primeiro ataque que o terreiro sofreu, meses antes do ocorrido o local já tinha sido atacado por várias pedras lançadas por vizinhos da casa.

<GALERIA DE FOTOS MARCAS DE TIROS E MARCAS DE PEDRAS>

Mas a história de luta pessoal de Pai Ricardo com a intolerância religiosa é ainda mais antiga. Apesar de morar em Brasília desde 1986, durante um período o pai de santo viveu no Rio Janeiro, onde montou seu terreiro e morou até ser expulso de sua própria casa por criminosos que não aceitavam a religião. “Naquela época bandidos armados foram até minha casa, se identificaram como evangélicos desviados e me deram uma intimação para sair em 24 horas. Quando falei que 24 horas era pouco tempo eles me deram um soco na cara e permitiram só as mulheres de fazerem a mudança. Depois desse fato, que aconteceu em 2001, eu decidi retornar para Brasília”, explica.

No momento, Pai Ricardo diz que pensou seriamente em desistir de tudo. “Quando tudo acontece vem uma cobrança espiritual, a gente se pergunta o porquê de tudo isso e onde estão os santos. Mas ao refletir, você vê que tudo poderia ter sido bem pior e que, talvez, a semente do meu axé precisava estar mesmo em Brasília”, conta.

Com mais de 30 anos de experiência na religião, perguntado como vê a situação dos crimes por intolerância religiosa no Distrito Federal e entorno atualmente, Pai Ricardo diz acreditar que os ataques tenham aumentado nos últimos anos. “Parece que as pessoas não querem saber se vão matar alguém ou prejudicar um local. Hoje você tem medo até de ir no supermercado com colares de contas no pescoço, qualquer coisa parece um motivo para ser atacado”, lamenta.

Mãe Baiana, Babazinho, Rejiane e Pai Ricardo são somente alguns dos personagens dessa história que se perpetua há anos no Distrito Federal e entorno. Em setembro de 2015, o ataque na casa de Mãe Baiana, unido a todos os outros ataques registrados antes dele, colocou o Distrito Federal nos jornais do país como “capital da intolerância religiosa”. Por esse motivo, Rodrigo Rollemberg, atual governador do Distrito Federal, visitou a casa de Mãe Baiana após o ataque e acatou o pedido feito por ela naquele momento: a criação da Delegacia de Combate à Intolerância Religiosa.

<VIDEO VISITA ROLLEMBERG NA CASA DE MÃE BAIANA QUEIMADA>

A delegacia é a primeira do Brasil e trata várias pautas, não sendo exclusiva para o combate à intolerância religiosa. Mas, ainda assim, os praticantes de religiões afro-brasileiras no Distrito Federal e entorno reconhecem a criação como um grande passo para as religiões, que buscam reconhecimento por parte do governo e lutam por isso há vários anos.

Racismo e as religiões

<FOTO LUIZ ALVES>

Apesar da existência da delegacia, a violência causada por ataques motivados por intolerância não diminuiu de maneira significativa nos últimos meses no Distrito Federal, de acordo com a Federação de Umbanda e Candomblé de Brasília e Entorno. Para eles, o motivo principal, além dos problemas que abrangem toda a

área de segurança pública no Distrito Federal, é que a questão da intolerância religiosa é um problema histórico, onde os preconceitos acabam impregnados na população com o passar dos anos.

Luiz Alves, coordenador do Fórum Permanente das Religiões de Matrizes Africanas de Brasília e Entorno (FOAFRO) e da Federação de Umbanda e Candomblé de Brasília e Entorno, diz não conseguir entender a causa de tantos ataques. “Não é compreensível a ideia de uma sociedade que não admite que outra pessoa tenha outra forma de adorar a Deus e por não admitir se julga no direito de atacar”, lamenta.

Luiz Alves acredita ainda que a origem principal de todo preconceito seja o racismo. “A base do preconceito com as religiões de matriz africana foi elas terem chegado no Brasil nos navios negreiros. É o começo de tudo que vivemos hoje. O racismo e o preconceito religioso andam juntos e, ao mesmo tempo, são temas diferentes. Tratamos muito o racismo atualmente, mas o preconceito religioso não é tão associado ao assunto”, conta.

< ÁUDIO LUIZ ALVES - CONEXAO HISTÓRIA DO NEGRO E CANDOMBLÉ >

De acordo com pesquisadores da área, Luiz Alves tem razão ao dizer que o preconceito religioso com as religiões afro-brasileiras e o preconceito racial andam de mãos dadas. Ao analisar a história vemos que inicialmente os negros eram proibidos por lei de exercer sua fé. Durante o período Imperial, o poder político punia diretamente os negros, fossem eles escravos, livres ou libertos, visto que uma forma de controlar as suas vidas era impor a cultura ocidental, incluindo a religião católica, desconstituindo suas referências culturais africanas.

Foi somente em 1889, com a proclamação da República no Brasil, que o Estado se separou da Igreja Católica e nasceram os primeiros princípios de laicidade. Mas tal fato não foi suficiente para frear o preconceito religioso no Brasil. Na época, todas as religiões não católicas sofreram perseguições e discriminações tanto no espaço público como no meio estatal e policial. Para as religiões de matriz africana tal momento foi ainda pior, já que as religiões chamadas mediúnicas (nas quais se encontram o espiritismo, umbanda, candomblé, entre outras) foram as que mais sofreram ataques intolerantes, pois suas atividades e práticas não eram reconhecidas pelo Estado como tendo um estatuto.

Não bastassem todas as dificuldades até 1942 o Código Penal Brasileiro previa punição aos crimes de capoeiragem (art. 402); vadiagem (art. 399); curandeirismo (art. 158); e ao crime de espiritismo (art.157). Aumentando o preconceito e dificultando ainda mais a livre prática das religiões de matriz africana no Brasil.

No planalto central nascem Brasília e os terreiros

No Distrito Federal, a história da Umbanda e do Candomblé se conecta diretamente com a construção de Brasília. Como se sabe, o sonho da criação da nova capital no centro do território nacional se confunde com as histórias das cerca de 80 mil pessoas que chegaram ao cerrado para trabalhar na empreitada. Conhecidos como Candangos, esses trabalhadores trouxeram com eles características pessoais e regionais responsáveis por moldar a grande diversidade do povo brasileiro atual. E, quando se tratam de características pessoais, é impossível excluir o quesito religião.

De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, os Candangos também foram responsáveis pela grande diversidade religiosa inicial existente no Distrito Federal e, principalmente os chegados do Rio de Janeiro e da Bahia, trouxeram com eles para a nova capital sua religiosidade ancestral. Com isso, a história das religiões afro-brasileiras no DF começa antes mesmo da inauguração oficial de Brasília, em 1958, quando surgiu a primeira casa de Umbanda do Distrito Federal no local onde hoje conhecemos como avenida W3 Sul.

A primeira casa de Umbanda de Brasília foi fechada e o lote vendido deu lugar ao que hoje é uma faculdade particular. Mas uma das principais fontes históricas desta antiga realidade ainda se mantém firme e forte.

O Centro Espírita Assistencial Nossa Senhora da Glória, na Asa Norte, é a casa mais antiga de Umbanda de Brasília ainda em funcionamento, sendo fundada em 15 de agosto de 1965. Em seus 51 anos de existência, o local nunca fechou as portas e todas segundas, sextas e domingos recebe vários fiéis que formam longas filas para receber auxílio espiritual. No local, nada é cobrado, já que o objetivo é que o trabalho seja feito por caridade e amor ao próximo, seguindo os preceitos da Umbanda.

<GALERIA DE FOTOS ANTIGAS DO PASSADO DO CENTRO ESPÍRITA>

Edson Muniz, conhecido como Ogan Edinho, é responsável pela casa e conta que diferente de outras casas no Distrito Federal, o local, que atualmente é vizinho de uma igreja evangélica, nunca sofreu nenhum tipo de ataque ou reclamação da vizinhança. “Chegamos aqui antes de todos quando esse local ainda era um cerrado puro. Vários templos já passaram por aqui e várias coisas diferentes aconteceram em nossa volta, mas nunca tivemos problemas nem com a vizinhança residencial, que também chegou depois, nem com os templos que estão aqui. Respeitamos e temos sido respeitados durante toda nossa história. ”, afirma.

Perguntado se a localização da casa, no Plano Piloto, poderia influenciar no fato do local nunca ter sofrido nenhum tipo de ataque Edson Muniz diz acreditar na possibilidade. “Talvez seja um dos motivos, mas não saberia dizer exatamente até que ponto a localização influencia nestes casos. Quando chegamos aqui vários outros terreiros existiam na Asa Sul e na Asa Norte e, pelo meu conhecimento, nenhum deles deixou de estar aqui por questões outras que não fossem o desfazimento daquela comunidade ou por livre vontade de mudar para outro ambiente”, diz.

Questionado sobre quais seriam os motivos principais para o desrespeito com as religiões afro-brasileiras em seu ponto de vista, Edson Muniz diz acreditar que o motivo principal seja a ignorância, além dos fatores históricos. Com isso, o Ogan crê que somente com a difusão do conhecimento sobre as religiões esses fatores tendem a mudar e diz se rebelar com o termo “intolerância religiosa”, já que acredita que o termo correto não seja “tolerar” e sim “respeitar”.

<AUDIO EDSON MUNIZ - SOBRE NÃO ACEITAR O TERMO INTOLERÂNCIA>

Os novos rostos contra a intolerância

As religiões de matriz africana buscam sempre manter vivas tradições e rituais ancestrais. Por terem foco na oralidade, sem nenhum “manual” escrito como a Bíblia, tais fatores se tornam ainda mais fortes. Porém, se engana quem acredita que os terreiros são espaços que não possuem espaço para os jovens. Dentro das casas, as novas gerações são bem recebidas e trazem renovação para os espaços, inclusive nas questões relacionadas à intolerância religiosa e ao racismo.

Gabriela Delgado tem 24 anos e hoje é declaradamente umbandista. Ela conta que começou a frequentar seu atual terreiro, localizado na Vila Planalto, por se identificar com os preceitos da religião e se sentir auxiliada e acolhida pelas entidades da casa. Gabriela conta que entre as mudanças que a religião trouxe para sua vida, uma das principais foi a identificação racial. "Dentro da umbanda comecei a me reconhecer realmente como negra", afirma.

Quanto ao contato com os mais velhos, Gabriela diz que existe uma troca baseada em admiração e respeito. "Como exemplo posso citar que desde que comecei a frequentar o terreiro onde estou hoje me aproximei muito de uma mãe pequena (segundo cargo mais importante em um terreiro), de mais ou menos 80 anos. Eu respeito muito ela e não diria que se trata exatamente de um respeito que existe só pela questão de idade e hierarquia, mas por admiração por tudo que ela viveu", explica.

Além da relação de admiração e respeito existente entre as gerações, Gabriela acredita que a presença dos jovens é importante para levar as religiões para novos espaços de discussão. "Acredito que uma grande contribuição dos jovens dentro dos terreiros seja a perpetuação dos valores das religiões de matriz africana e o fato de conseguirem levar essas religiões para novos locais, como o meio acadêmico. Com isso, as novas gerações acabam trazendo uma complementação de saberes para as próprias religiões e também para os ambientes exteriores.", diz.

Em busca de soluções

Nelson Inocência, professor da Universidade de Brasília e pesquisador na área de intolerância religiosa, concorda com opinião de que a difusão do conhecimento seja um dos principais caminhos para a diminuição da intolerância religiosa. "Precisamos lembrar que os negros foram desumanizados para poderem ser escravizados, juntos com eles também foram desumanizadas suas crenças e costumes. O imaginário colonial continua existindo até hoje no Brasil e a história do negro ainda é desconhecida no país, sendo cercada por vários mitos. É como se a presença africana existisse há pouco tempo, porque está sendo descoberta só agora. O desrespeito é fruto da ignorância e produzir conhecimento produz um ganho muito grande. A história da África é também a base da nossa história e precisa ser

estudada, já na base escolar”, explica o pesquisador.

Para conseguir tais modificações, que buscam incluir as religiões de matriz africana nas preocupações governamentais, conseguir direitos igualitários entre religiões no país e a valorização cultural das religiões afro-brasileiras, diversos grupos em todo Brasil que se intitulam “povo de terreiro” se reúnem e lutam todos os dias em embates com o governo para transformar a situação atual. O Babalorixá Babazinho diz acreditar que somente grupos unidos assim podem impulsionar as mudanças necessárias. “Quando as pessoas se unirem, não tiverem mais medo de mostrar a cara, afirmar suas religiões e lutar, as coisas começarão a mudar. É uma mudança muito grande no país, mas que também precisa surgir de dentro. Precisamos ser vistos, mostrar que existimos, lutar por nossos direitos. Só a união do povo de terreiro pode pressionar e cobrar mudanças de verdade”, explica.

Por Janaina Bolonezi

ANEXO 2 – LAYOUT DO SITE



RespeiTe meu Axé!

PELO FIM DA INTOLERÂNCIA COM RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA NO DISTRITO FEDERAL E ENTORNO

[INÍCIO](#) [O PROJETO](#) [A REPORTAGEM](#) [QUEM PODE AJUDAR](#) [AS RELIGIÕES](#) [GALERIA DE FOTOS](#) [VIDEOS](#) [CONTATO](#)

Respeite meu axé!

A intolerância religiosa que afeta todos os dias



Toda vestida de branco Adna Santos nos recebe sorrindo em seu terreiro. Com uma sala comprida que se arrasta pelo chão de terra batida e um lenço nos cabelos, a simpática senhora, chamada de Mãe Baiana por todos, nos recebe em sua casa com a atenção e cuidados dos melhores anfitriões. Animada com as reformas no local (um terreiro simples construído em um lote no setor de chácaras na região entre o Paranoá e o Lago Norte), Mãe Baiana quer nos mostrar tudo que está sendo feito em preparação para reinauguração oficial. Na casa, todos parecem tranquilos e felizes. Nesse cenário, desavisados não imaginariam que há apenas alguns meses o local estava destruído e não passava de cinzas.

Em novembro de 2015, o terreiro de Candomblé Ilê Axé Oyá Bagan, como é chamado, foi tomado pelo fogo em um momento em que se acredita ter sido um ataque ao local motivado por intolerância religiosa. Naquele dia, a mãe de santo foi acordada pela fumaça e pelos estalos das chamas que tomavam o local às 5h da manhã. O fogo se alastrou rapidamente pela estrutura, de madeira na época, e tudo foi

RespeiTe meu Axé!

PELO FIM DA INTOLERÂNCIA COM RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA NO DISTRITO FEDERAL E ENTORNO

[INÍCIO](#) [O PROJETO](#) [A REPORTAGEM](#) [QUEM PODE AJUDAR](#) [AS RELIGIÕES](#) [GALERIA DE FOTOS](#) [VIDEOS](#) [CONTATO](#)

Conheça as religiões afro-brasileiras

CANDOMBLÉ

O Candomblé no Brasil surgiu através da diáspora negra, ou seja, com tráfico de escravos negros oriundos de diversas cidades Africanas. O candomblé como conhecemos hoje no Brasil não existe em outros países, pois devido a união de diversos escravos de diferentes regiões numa mesma senzala criou-se miscigenação de fundamentos dando origem ao nosso Candomblé. No Brasil uma roça de candomblé cultua vários orixás. Na África cada região cultua um determinado orixá, ou seja, cada região africana cultua um orixá e só inicia elegun ou pessoa daquele orixá. Portanto, a palavra Candomblé foi uma forma de denominar as reuniões feitas pelos escravos, para cultuar seus deuses, porque também era comum chamar de Candomblé toda festa ou reunião de negros no Brasil. Por esse motivo, antigos Babalorixás e Yalorixás (também conhecidos como pai ou mãe de santo) evitavam chamar o "culto dos orixás" de Candomblé. Eles não queriam, com isso, serem confundidos com estas festas. Mas, com o passar do tempo a palavra Candomblé foi aceita e passou a definir um conjunto de cultos vindo de diversas regiões africanas.

Os orixás, para o candomblé, são os deuses supremos. No Brasil, somente 16 orixás são cultuados pelo Candomblé: Exu, Oxóssi, Ogun, Xangô, Iansã, Obá, Oxum, Logunedé, Ibeji, Ossanhê, Ewa, Oxumarê, Obaluayê (Omulu), Nanã, Iemanjá e Oxalá. Os orixás possuem personalidade e habilidades distintas, bem como preferências ritualísticas. Estes também escolhem as pessoas que utilizam para incorporar no ato do nascimento, podendo compartilhá-lo com outro orixá, caso necessário.

O pai ou a mãe de santo é a autoridade máxima dentro do candomblé. Eles são escolhidos pelos próprios Orixás para que os cultuem na terra. Os orixás os induzem a isto, fazem com que as pessoas por eles escolhidas sejam naturalmente

ANEXO 3 – CRONOGRAMA

Atividades	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro
ENTREVISTAS	X	X	X	
LEITURAS	X	X	X	
PREPARAÇÃO DO SITE	X	X	X	
ESCRITA DO MEMORIAL		X	X	
REVISÃO				X
ENTREGA DO PROJETO				X
APRESENTAÇÃO DA BANCA				X